OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 102

21 DE OUTUBRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento — PONTE D. LUIZ, SOBRE O TEJO, ENTRE SANTAREM E ALMEIRIM.

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais publicados e a publicar n'este anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para os srs. compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis — o jornal só 120 réis.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — O Nosso Supplemento, Ponte D. Luiz sobre o Tejo, J. B. — A Ilha de Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO — As nossas gravuras — Convento de Jesus de Setubal, BRITO REBELLO — Exposição Nacional de Milão, R. — Actualidades Scientificas, Direcção dos Aerostatos por meio da electricidade, R. — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

GRAVURAS. — Africa Portugueza, Na ponta da Ilha de Moçambique, quadro de Isaias Newton — Portugal Pittoresco, Ribeira de Vallejas — O paquete Portugal da Companhia Nacional de Navegação para a Africa Portugueza — Costumes Portuguezes, Na fonte, esboceto de Manuel de Macedo — Exposição de Electricidade, Aerostato dirigivel de Tissandier — Enigma. — Supplemento — Ponte D. Luiz, sobre o Tejo, entre Santarem e Almeirim.

CHRONICA OCCIDENTAL

Voltamos a S. Carlos, que a semana não produziu facto algum que desviasse do theatro lyrico as attenções persistentes de Lisboa.

AFRICA PORTUGUEZA

NA PONTA DA ILHA DE MOÇAMBIQUE — Quadro de Isaias Newton (Desenho do mesmo auctor)

E vale a pena lá voltar porque se nos apresenta sob um aspecto inteiramente novo: o aspecto policial.

E ainda dizem que não ha policia em Lisboa, que o corpo dos guardas civis é pequeno, que não ha policias bastantes para o serviço da cidade!

Vão a S. Carlos e verão se ha poucos policias.

As plateas cheias d'elles, a geral e as cadeiras; policias fardados, policias á paisana, policias mascarados de *dilletanti*, de *petit crevés* entendedores, de velhos elegantes, e quem sabe até que se de peccadoras gentes...

E' verdade que em muitas ruas não apparece nem um, que se apita e torna a apitar em varios bairros da cidade sem que o apito consiga attrahir um só d'esses agentes da ordem: mas em S. Carlos não faltam elles, e mal um cantor desafina — o que não acontece este anno poucas vezes — logo ao lado de cada espectador surgem dois sugeitos de apparencia duvidosa, com uns ares de galan de theatro particular, promptos para o transportarem d'ali para o Limoeiro se elle tiver o bom ouvido e má inspiração de manifestar por qualquer modo o seu desagrado.

Não exageramos. A policia tomou a peito fazer a celebridade dos artistas da actual companhia lyrica, e o caso é que entre o dilemma de achar o sr. Sanctis um bello tenor ou de passar oito dias no Limoeiro, ha poucos criticos assas conscienciosos para preferirem o Limoeiro.

Anda por ahi na tradicção, a lenda das famosas batalhas que se travavam d'antes na platea de S. Carlos, no tempo dos nossos avós, as luctas da Novelli, da Boccabadati, da Stoltz; eu sei lá! Nós mesmos lembramo-nos ainda das noites do tenor Sacio, da prima dona Bulli Paoli, d'umas recitas do *Municipio e da Crusada* cantado pelo Paceni e pela Cortezzi, em que os patacos cahiam no palco como as meias corôas caem agora no camaroteiro da Trindade em noite da *Mascotte*, e mais recentemente dos debutes da Pernini, da estreia do tenor Kuon, etc., etc., etc. Pois muito bem! Se tudo isso fosse hoje, não sabemos como o sr. governador civil se havia de arranjar com uma cadeia tão pequena como é o Limoeiro, e de mais a mais já cheia de clientes!

O publico hoje está muito mais pacato, e ao vêr que a policia civil invadia o theatro, em vez de ir entregar nas mãos do sr. Arrobas a sua liberdade, resolveu mostrar o seu desagrado por outra maneira — muito mais sensata e economica — não ir lá.

E não vae, e a prova é que no domingo em que todos os theatros de Lisboa tiveram enchente, em que a Trindade e o Gymnasio trasbordaram, D. Maria e a Rua dos Condes encheram, S. Carlos, com a segunda representação de uma opera, que se cantou pela primeira vez na vespera, estando quasi todo o publico das *primeiras* fóra de Lisboa, em Cascaes a assistir á tourada promovida pelo sr. Alfredo Anjos e offerecida a S. M. a Rainha, não conseguiu encher, apesar do grande contingente fornecido pelo governo civil.

O sr. conselheiro Arrobas póde vêr portanto que o seu meio de proteger a empreza de S. Carlos não é efficaz.

Póde sêl-o simplesmente se a auctoridade tomar uma resolução que já nos pareceu mais inverosimil que hoje — é de em noites de espectaculo fazer em toda a cidade prisões para S. Carlos, como dantes se fazia para soldado do exercito.

Parece-nos, a sério, que a questão de S. Carlos foi mal entendida pelo sr. governador civil e pela empreza: o que o theatro precisa não é d'uma auctoridade que obrigue o publico a não patear. é d'uma companhia que o obrigue a applaudir.

A experiencia já começou a apontar este caminho, e oxalá que a escriptura da sr. Bianca Donadio seja o primeiro passo dado n'elle.

— O theatro do Gymnasio teve um grande successo com uma comedia em tres actos *A voz do sangue!* imitado do hespanhol, do *Forastero* de Mariano Pina Domingues, pela pessoa que escreve estas linhas.

E' natural que esta noticia, dada por nós, cause uma impressão estranha e seja tomada á conta d'um grande arrebento de vaidade.

E' costume em Lisboa confundir o traductor ou imitador d'uma peça com o seu auctor e isto para todos os effeitos, menos para os direitos de representação.

Entendemos poder hoje abordar com a maior franqueza este assumpto, tanto mais que d'esta vez a responsabilidade que sobre nós quizeram fazer recair, é das mais lisongeiras e agradaveis, a responsabilidade d'um grande e verdadeiro *successo*.

Nas tres primeiras noites o publico realmente encantado com a graça d'essa comedia perfeitamente enredada e desempenhada primorosomente pelos artistas do Gymnasio, com o grande Taborda á sua frente, que é assombroso de veia comica no protogonista da *Voz do sangue*, chamou o auctor.

Ora o auctor está em Hespanha e por isso não appareceu no palco do Gymnasio a receber os applausos do publico, que decerto o honrariam e lisongeariam immenso.

O imitador da peça, que assistia n'um camarote á representação d'essa comedia que elle simplesmente traduzira adaptando-a com ligeiras modificações á scena portugueza, e fazendo passar para Lisboa a acção que no original se passava em Madrid, entendeu que não tinha o direito d'ir ao palco receber os applausos despertados por uma comedia que não era sua; mas ao ver o publico voltado para o seu camarote a applaudir entendeu que a delicadeza lhe impunha o dever de agradecer esses applausos, que embora lhe não pertencessem eram a elle dirigidos.

Queremos acentuar bem isto, porque se o acontecimento parecerá para muitos de nenhuma importancia, para nós é de toda, pois temos uma grande considerção pela opinião do publico e pelos direitos da propriedade litteraria, e não queremos de forma alguma que a nossa não comparencia no palco seja tomada á conta de desdem pelos applausos d'uma platéa inteira, e que os nossos agradecimentos a esses applausos sejam interpretados como desconhecimento dos direitos de propriedade alheia.

E isto é tanto mais necessario de se dizer, quanto anda confundido geralmente no espirito de toda a gente.

E' costume tratar-se por «*sua peça*» as traducções das peças dos outros, é costume dar-se parabens pelas *traducções* que agradam, e fallarse em tom de lastimadas *traducções* que caem.

Ha mesmo quem na primeira noite d'uma *traducção* ande cheio de anciedade, de terror pela recepção que o publico fará a essa peça a que outro póde chamar sua, e que, atraz do bastidor, pallido, desgrenhado, livido pelas agonias do *oratorio*, apparece logo ao publico, radiante de felicidade, mal esse publico chama o *auctor* da peça para o victoriar.

Não censuramos esses padrinhos que tomam o logar de paes. São modos de ver.

Nós vemos as coisas por modo inteiramente diverso. Não nos causa a mais ligeira preoccupação a primeira representação d'uma peça que traduzimos ou imitamos, e não temos mesmo nada com o seu exito, senão pelas nossas relações com a folha do theatro. Por isso fallamos tão desassombradamente sempre das peças por nós traduzidas, como fallavamos d'ellas antes de as traduzirmos.

Já demos em tempo no Gymnasio a imitação d'uma peça, que nos foi incumbida pela empreza e que achavamos detestavel *O crescente do visinho*. A peça teve um exito colossal. e deu 45 representações a seguir. Nós ficámos pensando d'ella o mesmo, que era detestavel. Annos depois demos alli uma traducção de uma comedia de Barrère que achavamos deliciosa, *Os escandalos de hontem*. A peça cahiu e só deu duas representações: nós continuámos a achal-a deliciosa e a dizermol-o.

Quer isto dizer que o trabalho de traducção ou de adapção não tem valor algum?

Não: quer dizer simplesmente, primeiro, que o publico para applaudir não tem nem o tempo nem o criterio de separar o trabalho do traductor do trabalho do auctor; segundo que é necessario que uma traducção seja muito má para matar uma peça boa, e que por melhor que uma traducção seja não salva uma peça que não tenha elementos de agrado para as nossas plateas, como aconteceu com os *Casamentos bastardos*, traduzidos do verso francez pelo sr. sr. Latino Coelho.

Que é sempre grande vantagem para uma peça ser bem traduzida, não é novidade alguma, que pode augmentar-lhe o successo, pode com certeza; que ha bellezas de dialogo que se perdem completamente n'uma traducção má, é evidente, mas tambem o que é evidente é que as peças teem na sua urdidura, nos caracteres dos seus personagens, e no jogo d'esses caracteres, os elementos essenciaes do seu agrado ou desagrado, e que a grande massa do publico gosta ou desgosta d'uma peça, pela sua acção, pelos seus typos, pelas suas paixões, pela sua idea, e não está a descortinar quando applaude ou quando patea a parte que n'esse *successo* ou n'esse *fiasco* teve o traductor.

A *Voz do Sangue*, teve um grande successo porque é uma peça bem enredada, e cheia de situações comicas irresistiveis e porque é desempenhada irreprehensivamente pelos artistas do Gymnasio, e ensaiada a primor pelo sr. Leopoldo de Carvalho. N'esta peça houve uma revelação: que Taborda era o nosso maior actor comico toda a gente o sabia, que Elisa faz com muita graça e habilidade certas *soubrettes* desenvoltas e ladinas, não é precisamente uma novidade: que a actriz Maria das Dôres e Beatriz e o actor Polla desempenham excellentemente papeis ligeiros de comedia, não admira nada, quando estamos habituados a vêl-os triumphar em grandes difficuldades: mas o que foi uma revelação para Lisboa, foi um papel comico importante desempenhado explendidamente pelo actor Diniz, que veio ha pouco do Porto, e que fez na *Voz do Sangue* uma creação de primeira ordem.

Nós registamos, por tanto, com todo o desassombro e com todo o prazer, o grande e legitimo *successo* que o Gymnasio acaba de obter com a *Voz do Sangue*, *successo* devido unicamente á graça da comedia de Mariano Pina Domingues, e ao superior desempenho que lhe dão os artistas do Gymnasio.

GERVASIO LOBATO.

O NOSSO SUPPLEMENTO

PONTE — D. LUIZ — SOBRE O TEJO

No dia 17 de setembro ultimo, a historica Santarem, presenciou um dos actos mais notaveis da geração moderna: a inauguração ao serviço publico, da monumental ponte sobre o Tejo.

A cidade armada e engalanada, a ponte embandeirada, as estradas, os cabeços, as encostas cobertas de espectadores, trajando as suas vestes mais garridas, os barcos coalhando o rio, replectos de gente, as musicas, os foguetes estrondeando a cada passo, mostravam que o brioso povo ribatejano se alegrava e regosijava com a nação por uma obra de utilidade directa para elles, e indirecta para o resto do paiz.

N'esse dia os comboios regorgitavam de passageiros; a praça municipal vistosamente embandeirada ostentava um busto de Sá da Bandeira; o largo da Piedade onde se levantava um coreto, adornado de balões e bandeiras deixava ler esta inscripção — *o commercio agradecido.* —

A's 11 e meia da manhã chegou o comboio expresso conduzindo os ministros das obras publicas, guerra e justiça. Trocadas allocuções entre o presidente da Camara e o primeiro, seguiu o prestito para a ponte, precedido de um esquadrão de cavallaria. Chegado ahi foi a ponte benzida pelo sr. arcebispo de Mitylene, e baptisada com o nome d'el-rei — *D. Luiz* —; em seguida o ministro das obras publicas des-

cerrou a cortina azul e branca que encobria a ponte, caminhando então o cortejo por ella até ao extremo do corpo principal, lado do sul.

Trocados ahi outros discursos entre o membro da junta geral do Distrito sr. Pedroso e aquelle ministro, voltou o prestito, assignando-se o respectivo auto. D'ahi vieram á casa da Bibliotheca municipal, onde estava preparado um jantar de 60 talheres offerecido pela junta geral. Não nos fazemos cargo dos brindes feitos e repetidos a todos aquelles que emprehenderam, guiaram ou levarem a cabo este emprehendimento, nem tão pouco nos demoraremos a descrever as festas que duraram esses tres dias, e durariam ainda, tal era a alegria e enthusiasmo que innudava aquelle povo, não esquecendo porém que uma das coisas mais vistosas d'ella, foi uma marcha *aux-flambeaux*, ou como diz a nossa gente *de fogareos*, que á noite atravessou a ponte de um cabo a outro, produzindo um effeito magico e surprehendente.

Mas como as festas passam e as obras ficam, deixaremos aquellas, e passaremos a descrever a ponte e sua situação.

Foi na Junta Geral do Districto e na sessão de 6 de junho de 1866 que se apresentou a primeira proposta para o lançamento de uma ponte entre Santarem e Almeirim, e feita consulta n'este sentido.

Tinham passado porém quatro annos, sem resolução decisiva, e de novo a 10 de junho de 1870 a junta geral consultou outra vez a tal respeito, opinando que se solicitasse do governo que subsidiasse esta construcção com metade da importancia d'ella, levantando-se a outra metade por meio de acções, garantindo-se o juro de 5 por cento pelo rendimento da ponte, e quando este não chegasse, o que não era de presumir, pelos cofres dos concelhos de Santarem, Almeirim, Chamusca, Coruche, Rio Maior, Salvaterra e Benavente.

Esta consulta, reforçando a primeira, apoiada em varias razões de ordem economica e estrategica, demoveu o gabinete de que fazia parte, como ministro das obras publicas o sr. Antonio Cardozo Avelino, a mandar proceder aos estudos preliminares, devendo-se a resolução de todas as difficuldades, aos esforços do fallecido Marquez de Sá da Bandeira, e dos deputados da localidade os srs. Palma, coronel de engenheiros e Marianno de Carvalho.

A primeira proposta havia sido assignada pelos srs. Joaquim Maria da Silva, Joaquim Isidoro dos Reis e dr. Julião Casimiro Ferreira; e a segunda pelos dois primeiros com os srs. dr. Joaquim Guilherme de Seixas e José da Fonseca e Silva Garcez.

Feitos os estudos pelo sr. engenheiro Eça, foi posta em praça a obra, sendo arrematada a construcção do corpo principal da ponte — pela companhia Fives Lille por 264:228$139 réis com a condição de embolsar o rendimento d'ella durante setenta e cinco annos. A parte da avenida de ferro foi adjudicada á casa Creosot Schneider & C.ª por 103:020$000 réis. Os encontros das duas margens foram construidos sob a direcção do habil engenheiro sr. Frederico A. Pimentel importando o seu custo em 8:505$000 réis, sendo pois a despeza total feita com esta obra de 376:353$139 réis.

A nova ponte de Santarem, que hoje em gravura damos como supplemento aos nossos leitores, tem de extensão total 1:213^{m},170 com um taboleiro da largura de 6^{m},0, sendo 4^{m},40 de facha de empedrado e 0^{m},80 de largura de cada berma ou passeio lateral. Eleva-se 20^{m},0 acima do nivel das aguas medias do Tejo.

O seu corpo principal consta de oito pegões robustissimos de pedra, e dois encontros cujos fundamentos com profundidade mais ou menos variavel, desce vinte metro sabaixo da base. Sobre elles assenta a viga de ferro que sustenta o taboleiro da ponte. A extensão total d'este corpo principal é de 629^{m},70.

A outra parte, ou viaducto, que discorre para a margem esquerda ou sul do rio, da parte de Almeirim sustentada por 37 columnas duplas de ferro, terminando inferiormente em espiral ou rosca introduzida no terreno de area d'essa margem, tem a extensão de 583,^{m}47.

Afóra estes dois corpos ha ainda os encontros assentes nas duas margens estabelecendo a ligação da estrada com a ponte.

E', pois, esta obra monumental, a primeira do paiz, e pela sua extensão a terceira da Europa, e a sexta obra d'arte d'esta natureza construida em todo o mundo.

A sua importancia para os povos das duas margens, é immensa e a ligação que estabelece directamente entre a capital do Além Tejo, (Evora) e Peniche, faz com que sirva a uma quantidade de estradas que ligam muitos pontos intermedios e distantes, fazendo convergir para ella e principalmente de inverno, uma viação consideravel de toda a Estremadura, Além Tejo e parte da Beira.

Saudemos pois o paiz, e particularmente Santarem, pela conclusão de obra tão momentosa.

J. B.

A ILHA DE MOÇAMBIQUE

A capital dos dominios portuguezes na costa oriental d'Africa está situada na ilha de Moçambique, descoberta desde o tempo dos primeiros navegadores, e já então occupada por uma colonia de arabes do mar Vermelho. Foi Vasco da Gama o primeiro portuguez que, a 1 de março de 1598 ali aportou, na sua viagem para a India, com os navios *S. Raphael, S. Gabriel* e *Berrio*, reconhecendo desde logo a importancia de ser por nós occupado permanentemente aquelle ponto.

A ilha de Moçambique, que não tem mais de 3 kilometros de comprimento sobre menos de um de largo, jaz orientada do NNE para S O, em frente da profunda bahia do Mussuril, na latitude de 15.° 1' ao sul do Equador. Tanto ella como as ilhas de S. Jorge ou de Gôa, e de S. Thiago ou de Senna, que lhe ficam a sueste, são formadas de rochas calcareas e coraes brancos, cobertos de abundantes areias e de pouca terra vegetal.

Entre estas duas ultimas ilhas, que são redondas e de pequenas dimensões, e a de Moçambique, que d'ellas dista obra de umas 3 bôas milhas, é que fica o porto exterior, para o qual se entra por um dos dois canaes; a saber: entre as ilhas, e ao norte de ambas, contornando a de S. Jorge. Na ilha de S. Jorge ou de Gôa, está ha alguns annos funccionando um magnifico pharol de luz fixa, visivel em toda a volta do horisonte.

A ilha de Moçambique, que é, para assim dizer, um quebra-mar natural lançado em frente da costa, é, por si só, um optimo abrigo contra os ventos e mares do canal, e resguarda, a oeste, n'um magnifico e amplo surgidouro, os navios que buscam aquellas paragens. A entrada para o porto interior fazem-n'a unicamente hoje os navios, contornando a ponta nordeste da ilha, a mui curta distancia d'ella, e mesmo sob as baterias da veneranda e imponente fortaleza de S. Sebastião.

Junto á ponta do sul ainda hoje podem entrar embarcações pequenas, com maré cheia, mas, apezar d'isso, e receiando uma surpreza por aquelle lado, levantaram cautelosamente os nossos antigos, perto da ponta meridional da ilha, a fortaleza de S. Lourenço, que fica cercada de agua, e que hoje serve apenas como paiol de polvora dos particulares, sob a guarda e vigilancia da alfandega.

Uma terceira obra de fortificação, chamada de Santo Antonio, defendia a costa sueste da ilha; mas, como esta estava naturalmente protegida pela cintura de rochedos e baixios que, a grande distancia, se dilatam, nunca o forte de Santo Antonio teve grande importancia, jazendo hoje pouco menos que abandonado.

A bahia que se abre na costa oriental d'Africa, desde a ponta da Cabaceira pequena, ao norte, até á da Chaça, ao sul, é profundamente reintrante, desaguando lá dentro os rios do Mussuril e Ampapa, que são de poucas aguas. E' esta bahia que fórma o porto de Moçambique, cujo fundeadouro fica proximo á ilha, e com espaço para um avultado numero de grandes navios.

No continente fronteiro á ilha de Moçambique estão as aldeias da Cabaceira pequena, Cabaceira grande [1], Mussuril, Lumbo, Chaça, etc., d'onde todos os dias é fornecido o mercado de Moçambique com hortaliças, gallinhas, ovos, cereaes e fructas, em immensas lanchas que de todos aquelles pontos sáem com o terral da manhã, para recolherem á tarde com a viração.

Na Cabaceira e no Mussuril existem as residencias campestres, de grande numero dos mais opulentos moradores da capital, algumas das quaes são sumptuosas, cercadas de vastos palmares e cajuaes, e deliciosamente apropriadas para centros de uma grande cultura que d'ali se fosse dilatando pelo sertão a dentro.

A cidade de Moçambique está construida na parte septentrional da ilha, separada da fortaleza de S. Sebastião pelo formoso campo de S. Gabriel, hoje todo arborisado com enormes *ficus indicus* e acacias, e que é um dos mais agradaveis passeios nas tardes calmosas.

Ao sul da cidade corre uma estrada até á extremidade da ilha, tambem em grande parte assombreada por arvores da especie das que acima mencionámos. E' n'um dos pontos d'esta estrada que foi feito, pelo distincto artista Isaias Newton, o quadro a oleo que existe no gabinete do ex.^{mo} ministro da marinha, e que a nossa gravura fielmente representa.

Mesmo ao fim da ilha está uma casa sem telhado, que serve para a cremação dos banianes fallecidos, e não longe d'ella, o moderno cemiterio de S. Francisco Xavier, para uso dos christãos.

Logo ao norte do porto de Moçambique, por detraz da peninsula da Cabaceira, abre-se a bahia da Conducia, em cujo fundo vem esboçar o rio do mesmo nome, que nasce das faldas da montanha da Mesa. E logo ao sul da ponta da Chaça, recurva-se, para o poente, o magnifico porto do Mocambo, onde desagôa o rio Thumonia, em cujas margens se encontram as aguas thermaes de Mutiquite, que tão maravilhosas parecem ser para o tratamento de molestias cutaneas.

Tanto o porto do Mocambo como o da Conducia, offereciam muito maiores commodidades para a installação da capital dos nossos dominios orientaes africanos, por isso que, tendo esta de ser construida no continente, mais facilmente se dilataria d'ali continuamente a nossa acção e a nossa influencia, assegurando mais efficazmente a nossa auctoridade n'aquelles paizes, ainda pouco sujeitos e nada desbravados. Parece porém, que, mesmo a sua qualidade de ilha, facilmente defensavel, é que levou os nossos antepassados a estabelecerem-se de preferencia em Moçambique.

Em artigos subsequentes descreveremos alguns dos principaes edificios da cidade de Moçambique.

AUGUSTO DE CSATILHO.

[1] Vidè pag. 36 e 37 do 1.° vol. do OCCIDENTE.

AS NOSSAS GRAVURAS

RIBEIRA DE VALLEJAS

Esta ribeira, que deslisa ao sopé do logar de Queluz que lhe fica eminente, é um delicioso valle, do qual o sr. Alfredo Keil copiou a bonita paisagem que reproduzimos em gravura.

Dista de Lisboa uns 12 kilometros, aproximadamente, está situada ao noroeste, entre Carnaxide e Barcarena, formando o limite d'esta ultima freguezia, a que pertence.

Levanta-se proximo, em sitio pittoresco, o logar de Vallejas, onde ha uma ermida da invocação de S. Bento, na qual se faz uma festa annual, muito concorrida pelos naturaes do sitio e por muitas familias de Lisboa, que sabem apreciar estes folguedos aldeãos, e que no seculo passado e principios do corrente, quando a côrte permanecia por Queluz, era frequentada pelas pessoas d'esta, incluindo os proprios soberanos.

Vallejas é uma situação muito aprazivel e deleitosa, formando um dos arrabaldes mais graciosos da capital, e o artista, surprehendendo aquelle trecho de graças naturaes nas suas proveitosas excursões, soube transportal-o para a tela com todo o mimo do seu pincel.

O PAQUETE PORTUGAL

Da Companhia Nacional de Navegação para a Africa Portugueza

É de ha muito reclamada e reconhecida a necessidade de uma navegação regular entre o continente de Portugal e as suas possessões d'Africa, com novos barcos a vapor que satisfaçam ás exigencias do serviço, por estarem velhos e em más condições de navegabilidade regular os que existem.

A Companhia Nacional de Navegação para a Africa Portugueza tratou de adquirir novos navios dos quaes um é o paquete Portugal, de que damos a estampa, e outro o Angola.

O paquete Portugal que já entrou no serviço, saindo do porto de Lisboa com destino á Africa Occidental Portugueza, em 5 do corrente, é um navio que tem todas as condições precisas para uma navegação regular, e que offerece as commodidades possiveis aos seus passageiros.

Este barco construido pela *Earl'ship building Company*, mede 295 pés de comprimento, 35 de largo, 25 de altura e 1:966 de tonelagem. Tem 6 compartimentos e alojamentos separados, incluindo os da 3.ª classe para mulheres e doentes, quartos de banho, botica, camarote independente para o facultativo, deposito de bagagens, quarto de fumo, etc.

Cada classe tem a sua camara e a da 1.ª classe mede 65 pés de comprimento.

Póde dar passagem a 60 passageiros de 1.ª classe, 32 de 2.ª e 120 de 3.ª, para o que possue os alojamentos necessarios, com todas as commodidades de conforto e hygiene.

Os aposentos da 1.ª classe são especialmente os mais luxuosos no gosto com que estão adornados.

Este navio arma em brigue e o seu governo póde ser feito, tanto mechanicamente como á mão. Tem 6 escaleres sendo 4 salva-vidas.

O seu andamento é muito satisfatorio pois que, nas primeiras experiencias deitou 12 milhas, e na sua viagem de Cardiff para Lisboa gastou 80 horas com vento rijo de prôa.

O paquete Angola ainda não está em Lisboa e é esperado em fins de novembro, destinando-se á mesma navegação.

COSTUMES PORTUGUEZES

Na fonte

A gravura que hoje damos é reproducção d'um delicado esboceto de Manuel de Macedo, que faz parte da sua explendida collecção de estudos dos costumes portuguezes.

Uma aldeã da Beira Baixa, com o seu traje pittoresco, descança sentada na fonte, amparando o seu cantaro que acabou d'encher, emquanto o seu amplo chapeo caracteristico dorme no chão a seus pés nervosos e robustos.

E' uma composição ligeira, graciosa e interessante em que realçam os dotes d'observador consciencioso e d'artista fino de Manuel de Macedo.

CONVENTO DE JESUS
DE SETUBAL
III

Resta dizer se mestre Boytaca era portuguez ou estrangeiro. Os principaes fundamentos em que se estriba a primeira opinião, são: haver um logar de nome parecido proximo da Batalha, e a assignatura do mestre, cuja letra não differe da usada então em Portugal, e com o diphthongo *oy* só proprio da lingua portugueza.

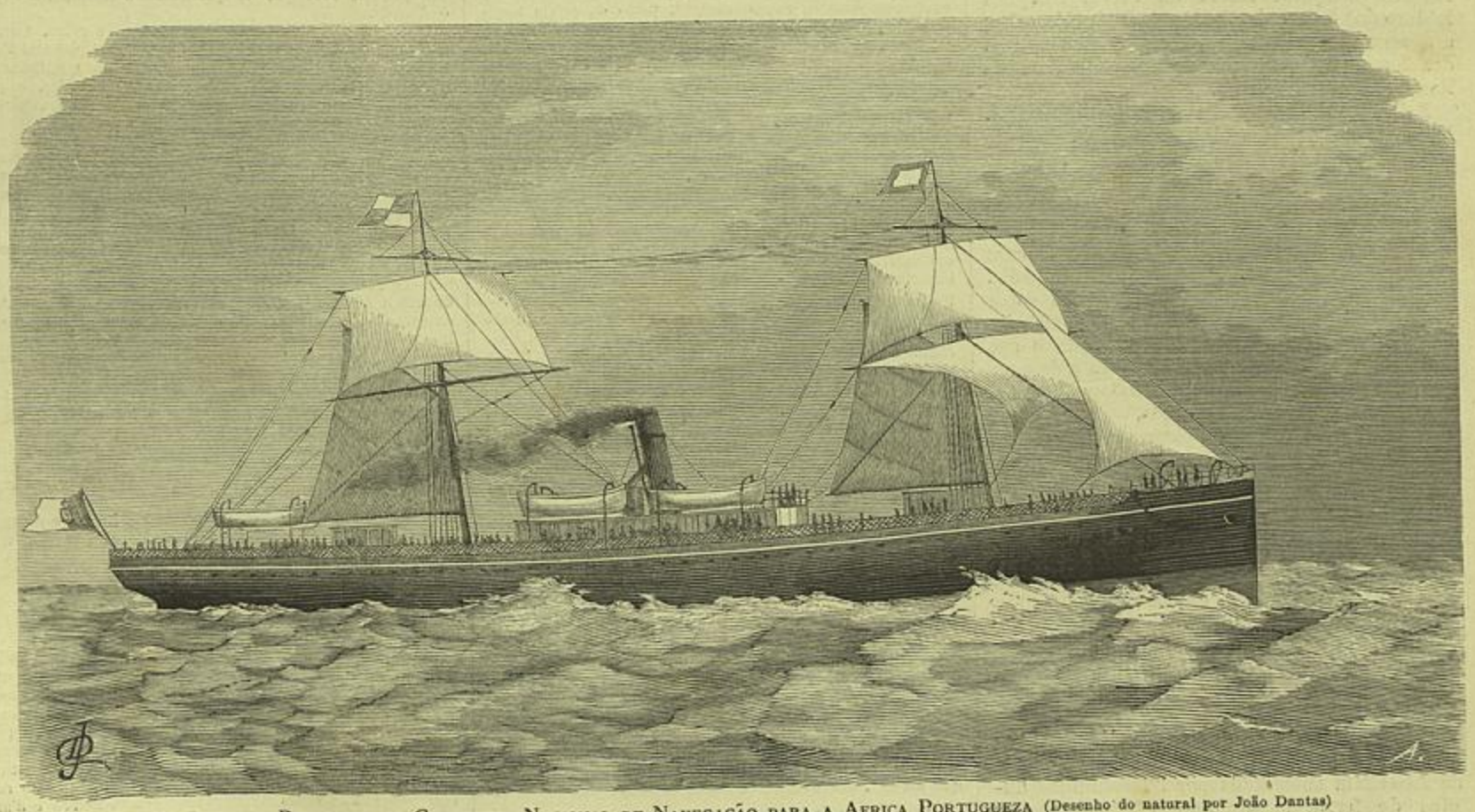
A nossa opinião, já emittida, é que mestre Boytaca era estrangeiro, porém, qual a sua nacionalidade, não é facil por emquanto dizel-o. Julgavamol-o italiano fundado nas opiniões alheias, e na asserção dos chronistas, mas a inspecção da sua assignatura fez-nos mudar de juizo. Como se sabe e se tem dito, o seu nome acha-se escripto nos diversos documentos, por diversas formas; indicaremos as que temos encontrado, que são as seguintes: *Boitaca, Boytaca, Boytaqua, Boutaca, Botaca, Botaqua, Butaca, Butaqua, Butaque, Buytaca* e ainda *Butaça*. Esta variedade de orthographia está indicando a falta de conhecimento de similhante appellido, da mesma maneira que se escrevia *Huet, Hueet, Huete, Hugete, Huguet, Ouguete* e até *Abguet, Conrate* e *Conrade, Utra* e *Dutra*, por *de Huerter*, etc. Esta incerteza leva a crer que o nome não era portuguez.

É tambem sabido que o uso portuguez é seguir ao qualificativo de mestre o nome proprio do individuo e não o seu appellido, assim se diz sempre mestre José, João, Fernão, Martim, Matheus, e não mestre Fernandes, Vasques, d'Evora, etc., e ainda que uma ou outra vez se diga, por exemplo: mestre Castilho, não constitue isso regra; mas Boytaca, nunca foi tratado por outra maneira, como tambem succede com mestre Huguet, e não parecendo este nome, nome proprio, mas sim appellido, segue-se que, este modo de tratar tambem nos está indicando que o mestre era estrangeiro, posto que alguns mestres estrangeiros sejam tambem designados pelo nome proprio.

Mas o mestre assigna — *Boytaca* — com letra que não differe da usada então em Portugal, e com o diphthongo *oy* só proprio nosso. Nunca procurámos ver a assignatura do mestre, por confiarmos na respeitabilidade e competencia do nosso amigo o sr. Visconde de Juromenha que informou Raczynski, mas fazendo um d'estes dias essa diligencia, com o unico fim de verificar a forma da letra, tivemos mais uma vez a prova de quanto é facil enganarem-se até os mais sabidos e conscienciosos, e de que não nos devemos dispensar de recorrer ás fontes originaes quando estudamos um assumpto. A assignatura do mestre, repetida muitas vezes no livro mencionado a pag. 31 e 32, do Diccionario de Raczynski, é: *Boytac*. Por isto não esperava-

PORTUGAL PITTORESCO

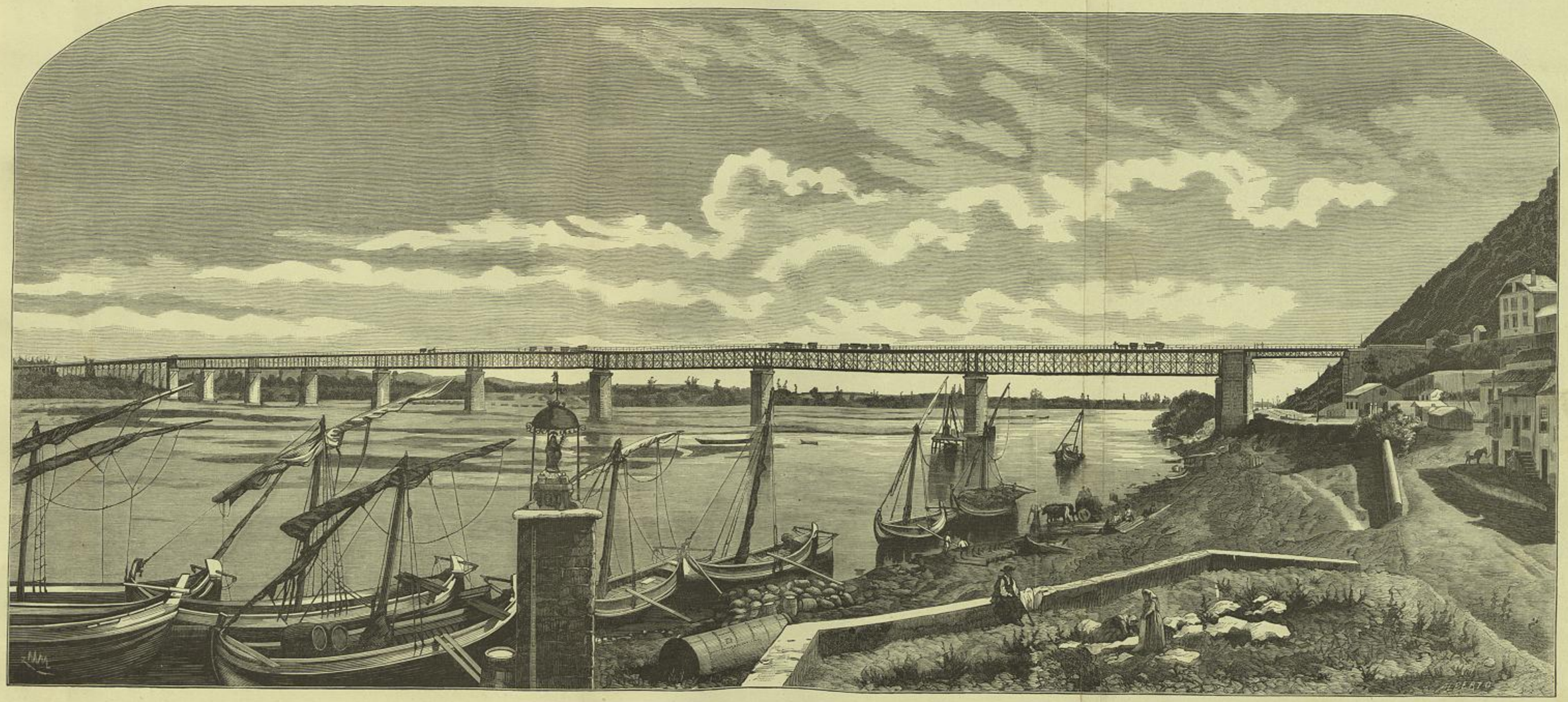
RIBEIRA DE VALLEJAS (Desenho do natural por Alfredo Keil)



O PAQUETE PORTUGAL DA COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO PARA A AFRICA PORTUGUEZA (Desenho do natural por João Dantas)

SUPPLEMENTO AO N.º 102 DO OCCIDENTE

21 DE OUTUBRO DE 1881



PONTE D. LUIZ, SOBRE O TEJO, ENTRE SANTAREM E ALMEIRIM, INAUGURADA EM 17 DE SETEMBRO DE 1881

DESENHO DE M. DE MACEDO—GRAVURA DE ALBERTO

(SEGUNDO UMA PHOTOGRAPHIA DE JOÃO RODRIGUES DA SILVA)

Impresso por Lallemant Frères.

mos nós, e duvidando da nossa competencia, mostrámos a assignatura a varios amigos e empregados do Archivo Nacional, que todos confirmaram a exactidão da nossa leitura. Era costume então encerrar-se a assignatura entre, umas certas rabiscas a que se chama os dois colchetes, entre os quaes o mestre havia de lançar a sua assignatura, que se acha feita com tinta mais preta, lendo-se claramente *Boytac*. Nova especie pois. Seria francez? seria allemão? O diphthongo será a traducção do *ou*, allemão? A terminação em *a*, que os portu- seu contemporaneo, o celebre impressor *Valentim de Moravia*, não só se appellidava *Valentim Fernandes*, mas escrevia com letra e em linguagem portugueza corrente; que muito é que o mestre tivesse modificado algum tanto o seu caracter de letra, e adaptado ao nome uma

COSTUMES PORTUGUEZES

NA FONTE — Esboceto de Manuel de Macedo (Desenho do mesmo auctor)

colchetes ou *chave*, e aquelle illustre archeologo tomou a ligação do *c* final do nome, com o colchete que se lhe segue, por um *a*; mas a ultima assignatura do livro, na qual falta o colchete final, termina seccamente n'um *c*, e ha um termo, que segundo a inspecção da letra, se vê que não foi assignado no acto de ser concluido pelo escrivão, no qual este traçou guezes davam ao seu nome, é conforme ao que praticaram sempre com appellidos de pronuncia aspera, e a letra de Boytac não tem differença sensivel das letras contemporaneas. Já vimos *de Huerter*, transformado em *d'Ultra* e *Dutra*, mais tarde o architecto *Ludwig* se converterá em *Luduvice*, e até actualmente o gravador *Painley* se traduzirá em *Penoso*. O fórma portugueza approximada da phonica do seu paiz? E não sendo a terminação em consoante guttural do genio da lingua, accrescentaram-lhe os naturaes a vogal. Portanto a assignatura do mestre, mais confirma que elle fosse estrangeiro.

O casal existente no termo da Batalha com designação similhante ao nome do mestre, não

se prova ter existido antes d'elle ou da sua familia, pois entre mais de duzentos documentos do convento da Batalha, em que raro será o logar, sitio ou casal, dos termos de Leiria, Batalha e Porto de Moz, que não seja n'elles mencionado, não encontramos similhante casal, sendo mais natural que elle tomasse o seu nome da familia do mestre, do que este d'aquelle.

Na clausula com que D. Manuel lhe havia concedido a tença de oito mil reaes, para quando casasse, segundo revela a carta de 1498, achamos mais uma prova de ser Boytaca estrangeiro, vendo n'ella o desejo do rei, de fixar os bons artistas estrangeiros no paiz.

Temos pois, como datas averiguadas da vida de Boytaca: 1498, que se refere a documento e trabalhos anteriores; 1511, que da mesma maneira se refere ao anno de 1508, 1512 que dá noticia do seu casamento, provavelmente contrahido entre 1504-1508; 1514, em que trabalhou em Belem e Arzilla, de março a dezembro; 1515, em que recebe nova mercê d'El-Rei; 1516, ainda em trabalho nos Jeronymos, e finalmente 1528, em que já era fallecido. Sabemos de sua mulher Isabel Henriques, e de seus dois filhos Jeronymo e Duarte.

Dos seus trabalhos sabemos ter dirigido obras no convento de Jesus, em Setubal, cujo risco quer primitivo, quer secundario, se lhe attribue com certa plausibilidade; no convento dos Jeronymos em Belem, em epoca já muito adiantada da sua construcção; na Batalha por uma ou duas vezes; em Arzilla, e alguem lembra, mas sem fundamento para isso, a egreja da Conceição Velha. Deve ter trabalhado em outras partes que se não podem fixar.

Ha em tudo isto algumas difficuldades. Que fazia Boytaca na Batalha, sendo mestre das obras Matheus Fernandes? que fazia em Belem trabalhando alli João de Castilho e outros mestres de pedraria?

Parece-nos, mas só como hypothese, aliás fundada n'estas duvidas, no documento de 1511, e no que conta o chronista de um modello feito em madeira, do convento de Setubal, que a especialidade de Boytaca era a carpinteria, e que seria principalmente como mestre d'essa arte que trabalhasse em Belem e Batalha, porque em Arzilla o foi com certeza.

O convento de Setubal, cuja architectura não póde soffrer comparação com o convento dos Jeronymos, e com o que resta da Conceição Velha, e da sua conterranea igreja de S. Julião, mais nos confórma n'esta opinião.

Em vista dos documentos apontados, e das tradições, ainda que recolhidas um tanto modernamente, a vida de Boytaca está provada durante um periodo de mais de trinta annos, quasi sem interrupção no paiz, não nos deixando a ligação dos factos d'ella, logar para suppôr uma viagem de Boytaca ao estrangeiro, na hypothese de ser portuguez, para se ir aperfeiçoar na sua arte, como alguem tem supposto.

(Continua) BRITO REBELLO.

ERRATA

A pag. 230, col. 2.ª, lin. 52, 53 onde se lê: *D. Magdalena Butaca, de quem era genro o Licenciado.*—leia-se *D. Magdalena Butaca que parece ser neta de D. Cecilia de Sousa de quem era genro o Licenciado*, etc.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

IV

O espaço de que podemos dispôr não nos permitte dar uma descripção desenvolvida d'esta notavel exposição, nem tão pouco fazer uma comparação entre a producção e organisação industrial da Italia, alli patenteadas, com o que se passa no nosso paiz. Daremos apenas uma rapida descripção dos seus principaes productos expostos, e cada um poderá d'ahi tirar os corollarios indispensaveis.

Devemos porém advertir que além das industrias expostas, ha ramos, e importantes, e dos mais usuaes e communs, que não foram representados, pelos compromissos estabelecidos entre os productores e os commerciantes. Na Italia, como em Portugal, ainda se não venceu completamente o prejudicialissimo preconceito de que o artefacto estrangeiro é melhor que o nacional, e por isso o commerciante vê-se necessitado a illudir o publico, vendendo-lhe como estranho, o que é creado no paiz. Um exemplo: os cheviotes, originarios de Inglaterra, fabricam-se hoje na Italia em grande escala, finissimos, perfeitissimos e baratissimos; o italiano veste-se d'elles julgando-os inglezes, porque se os soubesse nacionaes talvez os não comprasse, o productor fabrica-os e o commerciante baptisa-os estrangeiros, e como elles não falam... Pois este producto não foi, pela pressão do commercio, representado na exposição e assim muitos outros.

E apesar d'isso os expositores, na parte industrial, não são menos de oito mil. E a disposição de todos os seus productos está feita com arte summa, aproveitada até com intenção artistica, mostrando quanto as bellas artes influem no espirito dos italianos, e quanto elles conhecem que ellas concorrem, n'uma grande proporção, para o melhoramento e progresso da sociedade. A falta d'esta comprehensão não só impede que os nossos homens abastados prestem o auxilio da sua fortuna ás vocações artisticas, mas atrophia á sua nascença algumas, e embota e enfraquece outras no melhor periodo do seu desenvolvimento.

V

Isto dizemos principalmente porque houve quem aproveitasse a exposição do sabão para produzir obras d'arte. Um joven esculptor mantuano, Salata, lavrou duas estatuas d'esta substancia, que apesar de serem de sabão, teem merito e verdadeiro valor.

Como dissemos, entrando nos *Boschetti*, está de um e outro lado o material dos caminhos americanos e caminhos de ferro. Uma longa fileira de wagons, *tenders*, locomotivas, ali se observam, e nós que estamos acostumados ás durezas e incommodidades dos nossos maldictos comboios, que nos moem os ossos, porque já nos esquecemos das carroças do Alemtejo, das liteiras e das diligencias, de cujas *doçuras* ainda gozam os viajantes de Traz-os-Montes, do Minho, Algarve, Beira Alta, etc., achamos um prazer indefinivel em contemplar os novos wagons mandados construir pela administração dos caminhos de ferro da Alta Italia, que são de uma commodidade espantosa, e o trem hospital da Sociedade Veneziana, onde os wagons de primeira classe são de um conforto e maciez de que os nossos nacionaes, infelizmente! não podem fazer idéa. Outros tem a pharmacia com todos os seus apparelhos. Os carros de terceira classe são construidos de modo que os seus assentos se transformam em duas ordens de camas, commodissimas, uma superior e outra inferior, semelhante á disposição dos beliches dos vapores transatlanticos. Ha gabinetes de decencia para damas e homens, necessidade de primeira ordem, e cuja falta dá logar a accidentes desastrosos, como já tivemos occasião de presenciar. Compare-se um wagon de segunda classe, como se vê no n.º 30 do periodico da exposição, com os nossos, e todos conhecerão a *felicidade* de que gozamos.

Na dos americanos merece especial menção, entre outras cousas, o mechanismo do apparelho elevador dos comboios, systema Agudio, que funcciona em Lanslebourg e vão ser adoptados sobre as encostas de Supperga em Turim.

A exposição nautica não apresenta muita coisa notavel. Mas outro tanto se não pode dizer da exposição agricola, dos cimentos e materiaes de construcção. Não se limitaram os expositores a apresentar amostras, mas a sociedade de Casale construiu um elegante kiosque, e a sociedade dos cimentos e cal hydraulica de Bergamo, construiu uma casa esbelta, com um aspecto apalaçado e cuja construcção, afora os madeiramentos, importa em cerca de 1:100$000 réis, despeza que desceria ainda a menos 100$000 réis, dispensando-se a guarnição. Quem não quereria ter uma casa com o aspecto da fachada principal do theatro de S. Carlos, mas muito mais elegante, por aquelle preço?

VI

Na galeria central, a sala principal é destinada aos tecidos e fiações. Como se sabe, sobrelevam a todos os da seda, no que a Lombardia não tem rival na Europa. Alguns expositores, como Osnago, não occupam vitrines, mas compartimentos inteiros; outros, como os irmãos Traverso de Novi-Liguri, teem uma officina na galeria do trabalho, sob sua direcção, onde o visitante pode observar como se prepara a seda desde a sua extracção do casulo até á sua converção em setim, velludo, damasco, tafetá, etc. Outros, como Guido Susani, apresentam a creação do bicho da seda (sirgho) desde que sae da semente até que a torna a produzir, sendo então examinada ao microscopio, para discriminar a perfeita da que o não é.

Esta industria, a mais importante da Italia, emprega cerca de duzentos e cincoenta mil operarios, dando, além do consummo nacional, um producto de exportação, no valor de trinta e seis mil contos.

A preoccupação dos productores está em procurar a novidade casada ao bom gosto. A fórma do tecido, a escolha e combinação das côres fazem sobresair este ramo de industria e attrahir para ellé a attenção geral. Além dos nomes citados distinguem-se Gaspar Viganotti, Cerri, Vernazzi e Arregoni de Milão.

O nosso paiz desde longa data produziu seda, do que dão testemunho documentos do tempo de D. Affonso V, taes como as côrtes de 1472 e 1473, por onde se conhece que pelas comarcas de Lamego e Traz-os-Montes era ella cultivada; com-

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 101)

E accrescentava ufanamente:

— Eu na idade d'esta lesma, já dava sota e az ao primeiro caixeiro. Não, que do corpo é que me saia. Os patrões dantes não ensinavam a gente com palavras, era com uma boa acha de lenha. E nunca as mãos lhe doessem, porque é assim que se fazem os homens e não a pão e manteiga.

Depois ia para a carteira, soberanamente, como quem tem a consciencia de ter mettido uma lança em Africa.

— Vá, arreda... Lesto! lesto para aquecer!

E de passagem lembrava ao primeiro caixeiro a conta da senhora do terceiro andar e aquella manteiga que devia mandar ao conselheiro.

Entretanto abria todas as gavetas, girando de um para outro lado, com muita actividade, conferindo diversos embrulhos de dinheiro, notas, ouro, prata: tirando d'um lado, pondo para o outro, isto n'uma faina enorme, apenas suspendida momentaneamente por uma ou outra pergunta que dirigia sempre ao primeiro caixeiro:

— Recebeu-se a conta do Malheiro?

— Já mandaram o dinheiro do Mafra?

Todas estas perguntas tinham invariavelmente a mesma resposta:

«Sim senhor»!

Os caixeiros não tinham outra mancira de se esquivarem ás impertinencias commerciaes do sr. Antonio Dourado.

Diziam-lhe que *sim* para que os deixassem!

Era como que a expressão do fastio de quem se aluga por todo o anno.

Por ultimo o mercieiro agarrou n'um masso de notas, ajuntou-lhe algumas libras, uma moeda de cobre e duas de prata, e poz-se a fazer contas sobre uma resma de costaneira, na extremidade do balcão, conservando o corpo perfilado e o pescoço alto para mostrar que não precisava de oculos.

Feito isto pegou no dinheiro e saiu soberbamente, levando-o fechado nas mãos como quem se ufanava de o ter aos punhados, e dirigiu-se para a escada interior que communicava com a casa da sua residencia.

D. Monica ia já na escada.

Elle correu ao seu encontro.

— Tem a bondade de me dar uma palavrinha? Então já se vae?

— Não posso demorar-me. Bem vê que tenho lá a Joanna sósinha.

O mercieiro voltou-lhe ironicamente:

— Ora a Joanna já não se perde.

Depois, n'um outro tom, mais amigavel, em que transluzia certa amisade desaffectada, proseguiu!

— Peço licença para lhe offerecer este dinheiro.

D. Monica assim que lhe fallaram no vil metal, levantou a cabeça, dissimulou o mais que poude, mas não conseguiu ser superior a si mesma.

Na realidade as mãos calosas do mercieiro d'aquelle modo cheias de ouro eram uma grande tentação para quem se encontrasse á paz de pilulas, e D. Monica sinceramente, já o havia confessado, não estava lá muito endinheirada.

Mas em summa, nobreza obriga, e ella fiel aos seus preceitos, teve de conservar-se á altura d'elles.

Não senhor... lá isso não senhor .. encommodos é que eu não consinto! Se deseja obsequiar-me tenha a bondade de...

O mercieiro não a deixou concluir, chegou-lhe, mesmo á cara, as mãos cheias de libras e notas de arregalar o olho.

— Nada de tolices... Ha-de-me fazer este favor!

— Oh! sr. Antonio Dourado...

— Não se faça fina.

— Fina, repetiu D. Monica com resentimento de quem estranhava a phrase.

O mercieiro proseguia sem attender a nada.

— Vá recebendo e cale-se, vá, vá.

D. Monica mordia os beiços.

O mercieiro, quando queria tornar-se familiar, tinha de ordinario a infelicidade de se fazer mais bruto do que realmente era.

— Eu cá sou assim, berrava elle, em pleno patamar, de modo que toda a gente ouvisse que não fosse surda, o que posso fazer hoje não guardo para o dia de ámanhã, a mim não me faz falta e a senhora precisa d'elle.

Era mesmo um escandalo.

D. Monica estava vexada, mas, ao mesmo

tudo decaída esta industria pela occupação das conquistas, voltou-se para esse ramo a attenção dos estadistas, desde o governo de D. Pedro II, prescrevendo-se a cultura das amoreiras, o que depois foi ampliado e desenvolvido em grande pelo marquez de Pombal. E' tal a renitencia do nosso povo para todos os melhoramentos, que se conta a anecdota de ter sido apresentada uma certidão na qual se affirmava haverem sido plantadas na provincia do Minho dezoito mil amoreiras, constando porém, segundo diz Bluteau, que fôra a mesma amoreira que levada de um ponto para outro fora plantada dezoito mil vezes na presença das diversas auctoridades.

Tal era o interesse que o governo tinha no desenvolvimento d'esta industria, que de Bragança se enviou á rainha uma amoreira coberta de casulos dos bichos que sobre ella se haviam creado ao ar livre, espectaculo dispendioso mas curiosissimo.

D'essas tentativas restam apenas algumas amoreiras em Traz-os-Montes, aproveitadas por estrangeiros que no tempo proprio veem fazer a creação do sirgho, algumas fabricas de retrozes no Pôrto, algumas de tecidos em Lisboa, e pouco mais. Todos os italianos que vem a Portugal acham as provincias do norte semelhantes ás da Lombardia, mas os guias do nosso povo pregam theorias sociaes, theorias politicas, esbofam-se em proclamar que tal regimen é salvação, que tal outro é a desgraça, mas a respeito de prégar o trabalho, de ensinar a industria, de guiar as vocações para o cultivo da terra e dos seus productos nem uma palavra!

Quereriamos acompanhar este resumo de algumas reflexões comparativas mas não podemos, nem chegaremos a resumir o que se encontra e expõe nas diversas galerias. Saltaremos pois aqui e alli.

(Continua) R.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

DIRECÇÃO DOS AEROSTATOS POR MEIO DA ELECTRICIDADE

Já em o nosso n.º 98 de 11 de setembro ultimo, tratando rapidamente da exposição de electricidade de Paris, dissemos que uma das grandes curiosidades d'ella era um balão dirigivel, ideado e construido pelo sr. Gastão Tissandier, cujas experiencias foram feitas na presença do presidente da republica; hoje completamos essa indicação, dando em gravura a representação d'esse invento que passamos a descrever.

A historia dos balões ou aerostatos já está feita ha muito, e ainda n'este emprehendimento, como em tantissimos outros teve Portugal a primazia, muitas vezes esquecida pelos que tratam d'esta materia. Foi o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, irmão do celebre ministro de D. João V, Alexandre de Gusmão, quem em 1709 apresentou na côrte de Portugal um invento pelo qual se podia voar atravez do ar. D'este invento, que seu auctor chamou *naveta* ou *barqueta*, e o publico *passarola*, pela fórma que o apparelho apresentava, fez experiencia publica n'aquelle anno, voando de uma parte para outra do Terreiro do Paço. D'elle apenas conhecemos a fórma e imperfeitamente o *segredo*, podendo apenas conjecturar que era pelo magnetismo que se movia aquella machina. Os curiosos poderão recorrer ao *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo I pag. 332 e VIII pag. 362 onde acharão apontadas as fontes que podem consultar sobre o assumpto.

Depois de Bartholomeu de Gusmão immensas tentativas se tem feito para dar direcção aos aerostatos, problema o mais difficil de resolver até hoje, e que parece entrar em uma phase nova.

Os recentes aperfeiçoamentos introduzidos nas machinas dynamo-electricas deram a idéa ao sr. Gastão Tissandier de os empregar na direcção dos aerostatos juntamente com os binarios secundarios de G. Planté, que sob um peso relativamente pequeno, concentram uma grande somma de energia.

Um tal motor ligado a um helice de propulsão offerece vantagens consideraveis sobre todos os outros, debaixo do ponto de vista aereostatico. Funccionando sem nenhum foco luminoso, supprime o perigo do fogo sobre uma massa de hydrogenio; apresenta um peso constante, e não expelle para a atmosphera os productas da combustão, que alliviam sem cessar o aerostato e tendem a fazel-o subir na atmosphera. Põe-se em movimento com uma facilidade incomparavel, pelo simples contacto de um commutador.

O sr. Gastão Tissandier para fazer a experiencia da sua tentativa fez construir um aerostato allongado, terminando em duas pontas, e cuja extensão é de 3m,50, com o diametro, no bojo, de 1m,30. O aerostato, um tanto do typo do de Giffard, tem a capacidade de cerca de 2:200 litros. Cheio de hydrogeneo puro, tem um excedente de força ascencional de 2 kilogrammas.

Foi construida uma pequena machina dynamo-electrica, genero Siemens, pesando 220 grammas, cuja haste está munida de um helice de dois ramos, muito leve, de 40 centimetros de diametro, pelo intermedio de uma transmissão. Este pequeno motor está ligado á parte inferior do aerostato; funcciona em excellentes condições, durante alguns minutos, com um elemento de Planté de 220 grammas, com um binario secundario pesando 1 k. e 300 gr. é consideravel a duração da rotação.

O helice n'estas condições dá seis voltas e meia por segundo, e obra como propulsor, imprimindo ao aerostato, estando o ambiente sereno, a velocidade de 1 metro por segundo, durante mais de quarenta minutos. Com dois elementos secundarios montados em tensão, e pesando 500 grammas cada um, poude Tissandier, adoptar ao motor um helice de 60 centimetros de diametro que dá ao aerostato a velocidade de cerca de 2 metros por segundo durante dez minutos approximadamente. Com trez elementos a velocidade attinge 3 metros.

O sr. Tissandier quiz primeiro verificar qual era a influencia da resistencia do ar, e executou bastantes experiencias prendendo o aerostato a um pequeno machinismo. Mais tarde enchendo o pequeno balão de hydrogenio, chegou a fazel-o funccionar em liberdade, deixando descer da parte posterior em fio tenue, que servia de guia. O aerostato minusculo desloca-se muito facilmente, mas um pouco mais lentamente, do que quando é guiado por um fio tenso, o que permitte além d'isso medir perfeitamente a sua velocidade propria.

Depois d'estes primeiros ensaios mediu-se o trabalho produzido pelo pequeno motor dynamo-electrico de Trouvé, empregando o methodo mais simples, fazendo levantar directamente pelo motor alguns pesos. Tissandier auxiliado por Hospitalier ligou ao motor um elemento secundario, depois dois elementos em tensão, e fizeram successivamente variar as velocidades augmentando ou diminuindo o valor dos pesos levantados. O pequeno motor que, como dissemos, pesa 220 grammas, produziu nas condições de trabalho maximo 90 grammetros com um só elemento e uma velocidade de cinco voltas por segundo. Com dois elementos em tensão e uma velocidade de doze voltas, o trabalho attinge 420 grammetros, com tres elementos attinge-se perto de um kilogrametro, o que é importantissimo.

Com dois elementos em tensão se a velocidade diminue a cinco ou seis voltas por segundo o trabalho só produz 278 kilogrammetros; sendo a velocidade superior á correspondente ao maximo e attingindo por exemplo 14 voltas por segundo o trabalho é de 375 grammetros. Conformes com a theoria mostram estas experiencias que os motores electricos ligados a um gerador, dão um trabalho maximo que corresponde a uma certa velocidade.

A maneira como se comportou o pequeno aerostato de ensaio em um ambiente sereno, a velocidade propria de que se anima sob a acção do seu propulsor podem ser consideradas como resultados assaz satisfatorios, debaixo do ponto de vista da navegação aerea.

Deve-se ter presente que nos aerostatos a superficie não cresce com o volume; havendo toda a desvantagem nas operações em ponto pequeno, devendo, quando feitas em ponto grande, o seu resultado ser muito superior.

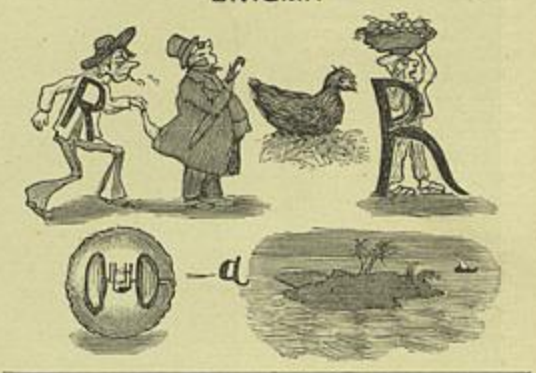
Nas condições actuaes os motores dynamo-electricos sob um peso de cerca de 300 kilogr. com 900 kilogr. de elementos secundarios podem dar seis cavallos de vapor; seria pois facil de transportar este material de 1:200 kilogr. em um aerostato allongado, de 3:000 metros cubicos, cheio de hydrogeneo, analogo aos que foram conduzidos pelo ar em 1852 por Giffard, e em 1872 por Dupuy de Lôme. O aerostato teria 40 metros de extensão e 13,50 de diametro no meio; sua força ascencional total seria de perto de 3:500 kilogrammas pesando com todos os seus apparelhos 1:000 a 1:200 kilogrammas, restariam ainda 1:000 kilogrammas para os viajantes e lastro.

Por um tempo sereno, um balão actuado por um helice de cinco a seis metros de diametro teria uma velocidade propria de perto de 20 kilometros por hora. No ar agitado a machina desviar-se-hia dal inha do vento,—sendo ainda considerada como uma utopia a direcção dos aerostatos n'estas condições atmosphericas,— só funccionaria por um tempo limitado, mas permittiria emprehender experiencias de demonstração inteiramente decisivas. Estes resultados seriam ainda mais favoraveis empregando um motor dynamo-electrico e pilhas secundarias construidas em condições especiaes de leveza. Ter-se-hia assim sob um mesmo peso uma somma de energia muito mais consideravel.

Com tudo já este resultado scientifico de se poder dirigir um aerostato na atmosphera, por um ar sereno, ao sabor do seu piloto e voltar ao ponto de partida é importantissimo, e permitte esperar que o problema se resolva o mais completamente possivel.

R.

ENIGMA



Explicação do inigma do numero antecedente:

Muitos dias ha no anno.

tempo, não lhe convinha dizer que não ao mercieiro.

Coitado! Cada um dá o que tem!

Elle, não podendo dar a educação que não recebera, prestava-lhe o dinheiro de que podia dispôr; seria grande acto de soberba desprezar-lhe os offerecimentos. Era ser mais mal educada, mais boçal, que elle proprio.

Dispoz-se a acceitar!

— Ora veja lá, observou ainda com muito escrupulo, veja lá se lhe faz falta.

Mas ao mesmo tempo estendia-lhe as mãos, em acto de quem espera receber mercê, repetindo muitas vezes:

— Sacrificios é que eu não quero.

O mercieiro estava que nem um perú entufado, e, á falta de azas para arrastar, atirava com os braços, bambeando-se todo:

— Puff... Deus louvado, cá um homem, fez sacrificios para o ajuntar, é verdade, mas, para servir um amigo, nunca!

E deliberadamente continuava:

— Devem estar ahi sessenta e duas moedas e meia... Se precisar mais é dizer; olhe que é dizer, ouviu?

D. Monica estava aturdida, não sabia o que responder. Lembrou uma declaração, um recibo, qualquer caução emfim. Antonio Dourado tudo recusou, dizendo:

— Vá para casa! Vá para casa!

E quasi que levando-a diante de si aos encontrões, obrigou-a a subir a escada, mais depressa do que ella desejava, repetindo-lhe sempre n'um tom de voz altaneiro e escandaloso:

— Se precisar mais é só dizer!

.....

VI

Este rasgo generoso do mercieiro deu no goto a D. Monica.

Ella foi, logo que chegou a casa, verificar se estava certo o dinheiro que havia recebido, e de facto achou tudo regularissimo!

D'ahi parece que o homem tinha andado á procura de moedas em primeira mão. As libras eram sahidas n'aquelle momento das grandes officinas de amoedação de Londres; as notas igualmente escolhidas.

Aquillo é que se podia chamar dinheirinho fresco!

Emfim, a delicadesa do mercieiro se não era bem traduzida em palavras, manifestava-se de tal maneira por factos, que não podia deixar de captivar uma pessoa.

D. Monica chegou a sentir-se commovida.

Ora vejam, d'onde as cousas se não esperam é que ellas apparecem.

Aquelle mercieiro era a bondade em pessoa, um pouco bruto é verdade, mas emfim bôa alma e muito franco.

Essa qualidade impressionava o seu espirito.

Dahi considerava que não devia desprezal-a. Posto houvesse de seus rendimentos com que viver á farta, não estava por esse facto exempta de ter faltas de dinheiro.

Succedia-lhe muitas vezes ver-se em apuros por causa de uma demanda chronica, interminavel, embrulhadissima, que herdára de seu marido e sustentava de maneira briosa, com muito proveito dos empregados da justiça, desde o fiel de feitos até ao juiz de direito, incluindo o diligente procurador e o astuto advogado de muita fama na rabulice velhaca.

Ora, esta singular demanda, esta singularissima teimosia de vazar o dinheiro no barril do lixo do poder judicial, trazia-a em apuros continuados e perfeitamente ao corrente da Novissima Reforma e quasi que das proprias leis Affonsinas.

Além d'isso e de outros muitos dissabores, trouxera-lhe até o arrefecimento de certas relações de amisade, que não véem agora ao caso, algumas das quaes lhe interessavam muito.

Ninguem estava já disposto a ouvil-a fallar na demanda, porque ella tambem mostrava não entender, ou não querer entender de outra cousa; tornava-se portanto enfadonha para uns, e para outros importuna, porque ás vezes chegava a pedir dinheiro para sustentar aquelle vicio terrivel.

Entre essas pessoas, a que ultimamente lhe abanára as orelhas, fora o conego Salgado.

Quem havia de suppor tal cousa?

Ella tudo fizera por lhe ser agradavel, inclusivé o proprio testamento, instituindo-o seu herdeiro universal.

Pois apezar de tudo o padre á segunda sangria de dinheiro, por causa de uma redicularia de seis moedas, deixou logo de apparecer.

Ha gente muito miseravel!

(Continua) LEITE BASTOS.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

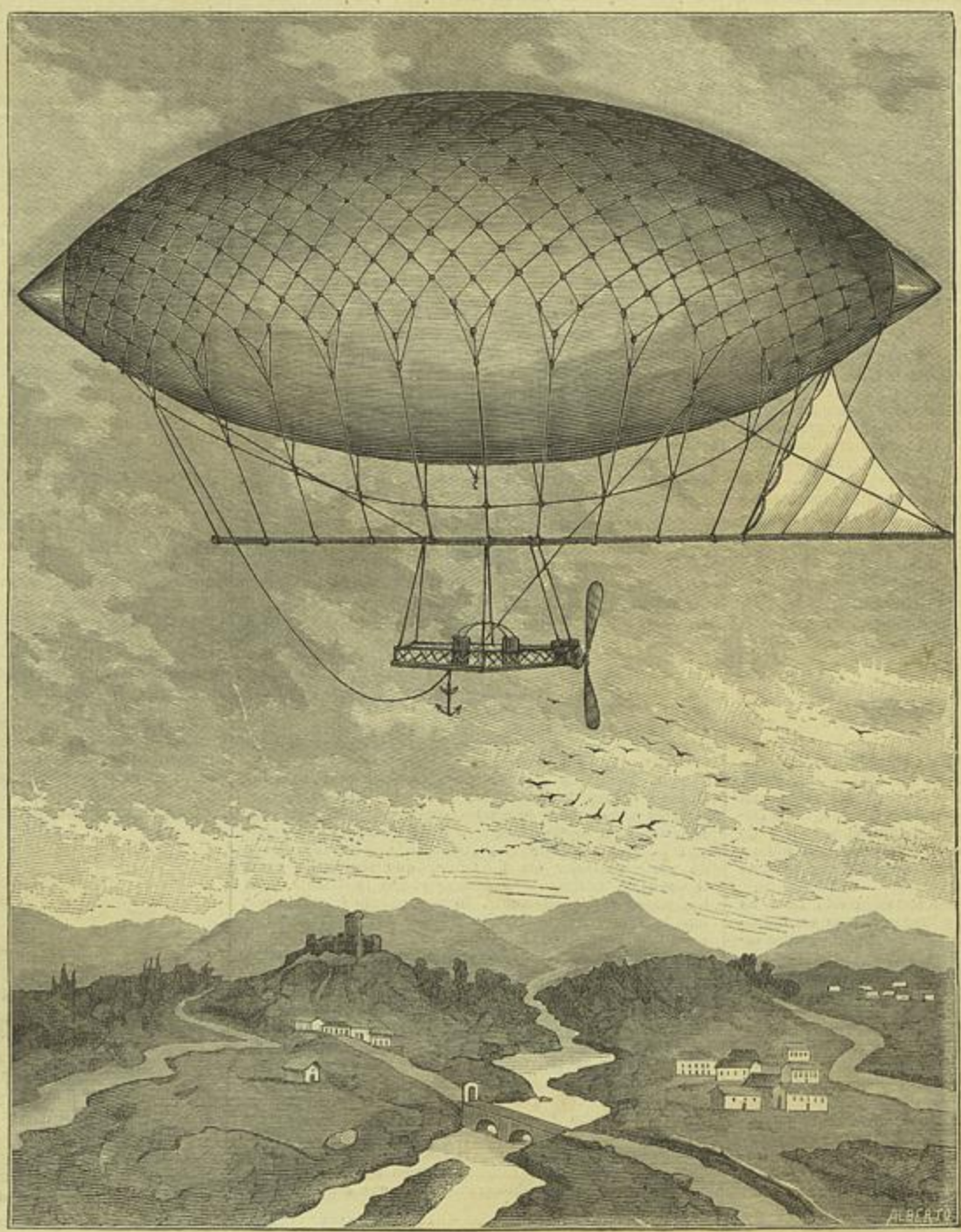
De Benguella ás terras de Iacca, *expedição organisada pelo governo portuguez nos annos de* 1877-1880, por Hermenegildo Capello e Roberto Ivens — Imprensa Nacional, Lisboa.—Folhas 16 a 20 do 2.º vol. que está prestes a concluir, o que aguardamos para dar mais desenvolvida noticia d'esta importante obra.

Historia de Portugal Illustrada.—Edição da Empreza Litteraria de Lisboa, Rua Nova do Almada, 36 — Fasciculos 14.º do 4.º vol. e 36.º do 3.º vol. de 24 pag. cada um e uma gravura sendo a do primeiro, *Revolução.* —1640.—*Os conjurados e a duqueza de Mantua,* e a do segundo, *Reinado de D. João II. Morte do principe D. Affonso.* Esta historia que já tem completos tres volumes, deverá ficar concluida em breve, porque os tres volumes restantes estão sendo publicados simultaneamente, e poucos fasciculos faltam para a sua conclusão.

Almanach do Horticultor para 1882 publicado sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior — Editor David Corazzi, Lisboa --Typographia Occidental, Porto — Recommendamos este almanach a quantos professam e se interessam pela agricultura, porque encontrarão n'este livro grande variedade de noções muito uteis e aproveitaveis, e este ramo de industria está tão atrazado entre nós, que os agricultores não devem desprezar todos os elementos que a publicidade lhes ministra, para se instruirem nos progressos que a sciencia tem imprimido á agricultura.

A edição d'este almanach é esmerada, de cerca de 200 paginas in 8.º, em bom papel, profusamente illustrado e nitidamente impresso, no que muito honra a industria typographica portuense que está progredindo a olhos vistos.

O preço do almanach é de 500 réis.



EXPOSIÇAO DE ELECTRICIDADE — Aerostato dirigivel de Tissandier

Coimbra Medica, *revista quinzenal de medicina e cirurgia,* director, Dr. Augusto Rocha—editor, José Diogo Pires, Coimbra. O n.º 20 que temos presente, insere entre outros artigos, um com respeito aos congressos medicos, em que o sr. Dr. Augusto Rocha, secundando a idéa apresentada pelo sr. Cunha Belem na *Gazeta dos Hospitaes Militares,* da realisação de um congresso medico portuguez, faz sentir a necessidade d'esse congresso como de muito proveito e utilidade para a sciencia medica em Portugal.

O Instituto, *revista scientifica e litteraria,* vol. xxix. Agosto de 1881, 2.ª serie n.º 2.— Imprensa da Universidade, Coimbra. — O summario d'este numero é o seguinte: *Estudos Financeiros,* por Miguel Baptista da Silva, *Ensino Pratico na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra,* por A. A. da Costa Simões, *Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez,* por Adolpho Frederico Moller, *Adelcharie ou la Jeune Négresse* (poesia), por X. X, *Rosas de Fogo* (poesia) por Guerra Junqueiro, *Homenagem no natalicio de sua mãe,* (poesia), por Gonçalves Crespo, *Bibliographia,* por F. A. Rodrigues Gusmão.

Brado d'Alma, *Homenagem a Camões, poema Natercia,* por Ariosto Machado—Editor A. Mello, Porto, 1881—Um folheto de 16 pag. em 8.º. Consuante ao titulo o sr. Machado dedilha na lyra que umas vezes lhe tange afinada e outras não, o que não é para estranhar.

Album das Glorias. Desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Rialto e João Ribaixo, lithographias de Justino Guedes — Lisboa — n.os 19 e 20 com as caricaturas dos srs. Arrobas e Oliveira Martins, com muita graça e finura tanto no desenho como no texto.

Bibliotheca do Povo e das Escolas.= *Mamiferos — Classificação e descripção com especiaes referencias á fauna de Portugal e Brazil.*--Lisboa, David Corazzi editor, Empreza Horas Romanticas, 46, rua da Atalaya, 52, 1881.—Temos dado conta das outras publicações d'esta empreza, as quaes tem a utilidade de generalisar no publico as noções mais importantes dos variados conhecimentos humanos, tão necessarios nos usos da vida. Tendo o n.º 4 apresentado a *Introducção ás sciencias physico-naturaes,* tem seguido em diversos fasciculos ás ramificações d'aquelle estudo, e tendo dado no n.º 6 os primeiros rudimentos geraes da *Zoologia,* ou estudo do reino animal, encetá com o 15.º a historia dos *Mamiferos,* aos quaes temos a honra de pertencer, e que são de todos os animaes os que teem e exercem faculdades mais numerosas e perfeitas. É pena, como já dissemos, que esta publicação não tenha melhor papel, para impressão, para poder desempenhar melhor o seu fim.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, Lallemant Frères, Typ. Lisboa
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

Publicado pela Empreza do OCCIDENTE

Já está á venda este almanach, **completa novidade.**

O **Almanach Illustrado do Occidente** é um elegante livro de 80 paginas em grande formato e magnifico papel assetinado, adornado de mais de 50 gravuras de monumentos de Portugal, paisagens do paiz, quadros e esculpturas de artistas portuguezes, vistas de Africa e raças africanas estudadas pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens, com os retratos dos referidos exploradores, retratos dos escriptores Oliveira Martins e Eça de Queiroz, secção de necrologia com os retratos de Duque d'Avila e de Bolama, Barão de Japurá, Marquez de Fronteira, Sá Noronha, Guilherme Cossoul e Osorio de Vasconcellos.

Este almanach além de uma desenvolvida parte litteraria, contém kalendario completo e illustrado, tabellas dos carris de ferro de Lisboa, dos caminhos de ferro portuguezes, preços de assignaturas de jornaes que se publicam em Portugal, lei do sello, correios e telegraphos, floricultura e horticultura e annuncios illustrados de estabelecimentos importantes.

Uma secção de charadas e um enigma pittoresco com premio para quem o advinhar.

Um elegante frontespicio original de M. de Macedo e uma explendida capa em chromo-lithographia, original de A. Ramalho, representando uma festa infantil.

Preço 240 réis

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á EMPREZA DO OCCIDENTE, rua do Loreto, 43, Lisboa, onde se devem dirigir todos os pedidos.